

Hans Sperber e Freud: a origem sexual da linguagem humana e a psicanálise

Hans Sperber and Freud: the sexual origin of human language and psychoanalysis

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen
Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo

Neste trabalho, discute-se a relação entre a psicanálise, a linguagem e sua origem sexual, tendo por base dois autores: Hans Sperber (1912), cuja proposta é a de que a linguagem humana falada tem uma origem e um desenvolvimento vinculados ao sexual; Sigmund Freud, nos textos em que trata de questões relativas à linguagem em sentido estrito.

Palavras-chave

Origem da linguagem, Sexual, Condições, Homem primitivo, Línguas históricas.

Abstract

In this paper the relationship between psychoanalysis, language and its sexual origins is discussed. The texts that give support to this approach are mainly Sperber (1912), which proposes that the human language (speech) origin and development depended upon primitive man's sexual moves and their expression in a

prehistoric stage. Other texts are Freud's, in which he deals with language *stricto sensu*.

Keywords

Language origin, Sexual, Conditions, Primitive man, Historical languages.

Introdução

Neste artigo, apresento e discuto as ideias de Hans Sperber sobre a origem sexual da linguagem humana, apresentadas em seu famoso texto de 1912, “Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache“ (“A influência das atividades sexuais / do *momentum* sexual sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem”).¹ A presente discussão vincula-se a outras que vimos desenvolvendo sobre as possíveis relações entre a linguagem e a psicanálise, mais especificamente, entre os estudos linguísticos e os psicanalíticos.

Tomo como ponto de partida o texto de Freud “O interesse científico da Psicanálise”,² em que várias possibilidades de interação entre a psicanálise e outras áreas do saber são anunciadas. Entre essas está a filologia, que é pelo autor equacionada à linguagem *lato sensu*.

Freud lidou com a linguagem humana, desnecessário seria repisar este ponto. No entanto, embora estivesse engajado na cura pela fala, e não na incipiente neurologia de sua época, cabe a pergunta sobre a procedência de suas ideias linguísticas. Dois estudiosos germanistas que tratam da linguagem são por ele mencionados: Carl Abel (1884-1885) e Hans Sperber (1912).

Abel ocupou-se de questões mais específicas dentro de línguas naturais, as palavras ditas primitivas; Sperber propõe uma hipótese sobre o surgimento e o desenvolvimento da linguagem no ser humano, a de que a linguagem humana teria uma origem sexual, o objeto da presente discussão.

Tais autores teriam influenciado Freud, embora suas propostas não sejam por este detalhadas. O interesse de Freud pela linguagem ultrapassa o simples conhecimento do que se passava no panorama linguístico de sua época ou o que pensavam seus coetâneos estudiosos da linguagem. Dentro da tradição linguística, Abel e Sperber são pouco conhecidos, donde se deduz não terem partilhado do pensamento da linguística histórico-comparativa típica da época.³

Dividiremos nossa discussão em duas seções (1 e 2), seguidas de uma conclusão (3). Na primeira, trazemos a teoria de Sperber sobre a origem sexual da linguagem humana, entendida como linguagem oral, e, na segunda, mostramos como ele comprova suas hipóteses por meio da família germânica de línguas, admitindo que a mesma coisa pode ser testada em outras famílias de línguas do mundo. Sperber acaba por abranger a família indo-europeia, uma vez que apela muitas vezes para o latim, do grupo itálico da família indo-europeia e ao grego, do grupo helênico da mesma família.

1. A linguagem humana ligada ao sexual e as manifestações sonoras

Mesmo que compreendamos o uso que Freud faz da linguagem em seus diversos sentidos, resumidamente um universalista, um gramatical e um discursivo, como discutimos em trabalhos anteriores,⁴ a questão do “porquê” da presença da linguagem humana articulada falada na psicanálise ainda demanda respostas. O que torna as ideias de Sperber tão interessantes para nós é o fato de ele como que suprir algumas lacunas no raciocínio linguístico que perpassa a psicanálise.

A abertura que se nos coloca, como já dissemos, através do texto de Sperber, é a associação da linguagem humana ao sexual, pelo menos no seu surgimento na espécie humana.

Além dessa questão geral, o primeiro ponto que se destaca é a assunção de que a linguagem humana que o interessa é a oral, dos sons, e não outros tipos de linguagem, como se lê no excerto abaixo:

Mas antes de passarmos ao meu tema, a origem da linguagem, temos que adquirir clareza sobre o que se entende por “linguagem/ língua” nas discussões que se seguem. Primeiramente, devo acentuar que para nós trata-se somente do surgimento da linguagem *oral/dos sons* (grifo do autor), deixaremos sem tratamento os diferentes tipos de linguagem de sinais (SPERBER, 1912, p. 407).

Ou seja, Sperber não está interessado em sistemas semióticos não verbais e não orais. Em poucos autores este aspecto é assim tão claramente colocado. Há sempre uma mistura entre o oral e o escrito, o vernacular e o literário, a

linguagem articulada humana e outros sistemas de signos. Mas Sperber é direto: interessa-o, no surgimento da linguagem no homem, o seu caráter oral, sonoro.

O segundo ponto refere-se ao detalhamento do que define como linguagem humana, que para ele necessariamente inclui a intenção de comunicação:

Em outras palavras, um linguista que analisa o problema do surgimento da linguagem deve se ater necessariamente à terminologia dos eruditos e versados no tema, que só empregam a palavra “linguagem” quando existe a *intenção de comunicar* (grifo do autor). (*op. cit.*, p. 407)

Portanto, além de considerar como linguagem a linguagem oral, falada, acrescenta-lhe a intenção da comunicação. A linguagem que o interessa e que vai considerar é definida por ele como: *linguagem oral com intenção de comunicação*. Sons orais emitidos pelo homem, mesmo quando decorrentes de estados emocionais, não são, para Sperber, linguagem se lhes falta a intenção de comunicação. Destaque-se que essa definição entre as inúmeras acepções que esse termo geral possa assumir é de extrema pertinência, e rara, entre os que se referem à linguagem.

Prossegue o Autor explicitando ademais o surgimento da linguagem no ser humano, uma vez que admite para este um estado prelinguístico. Tal surgimento dependeria de condições específicas.

Assim é colocada a questão: sob que condições poderia ter surgido num indivíduo, dotado de voz, mas privado de linguagem, uma intenção de comunicação? A resposta é: se esse indivíduo percebeu que os sons que emitia tinham a capacidade de influenciar os atos de outro indivíduo. Assim as seguintes condições são postuladas e têm de ser satisfeitas:

- a) um indivíduo A deve ter dado vazão a seus sentimentos repetidas vezes, por meio de sons;
- b) um outro indivíduo, B, deve ter reagido regularmente a esses sons e de maneira visível por A;
- c) A deve ter percebido a conexão entre os sons que emitiu e a reação de B.

Somente tendo cumprido essas condições iniciais, poderia A utilizar intencionalmente sua voz, “gritar intencionalmente”, quando desejasse uma reação de B. A partir daí, esse indivíduo possuiria não apenas uma voz, mas uma linguagem.

Isso colocado, Sperber prossegue questionando que situações seriam essas, com essa configuração, que permitissem a comunicação, propondo:

- a) a presença de dois indivíduos <A e B> é fundamental;
- b) um deles teria de estar num estado emocional tal que o induziria a uma exclamação;
- c) determinadas forças deveriam estar envolvidas que permitiriam a B uma reação regular ao grito de A;
- d) a reação de B deveria ser desejada por A, senão A não teria naturalmente nenhum motivo para provocar a reação de B;
- e) a situação deveria repetir-se inalteradamente; e
- f) a situação deveria ser pouco complicada.

Sperber testa as situações que até então supostamente configuravam o surgimento da linguagem no homem, como a da caça. Nesse caso, a condição de que A desejasse a reação de B não seria preenchida, pois não se poderia atribuir a esse homem primitivo, próximo ao animal, segundo o autor, o sentimento de que desejasse a fuga do outro. Embora tal situação, da caça, pudesse ser frequente ela não seria qualificada como simples. A não perceberia que a reação de B – a fuga ao perigo – retornava a ele como uma resposta.

Duas seriam, então, para o autor, as situações que preencheriam todas as condições propostas: uma é a do bebê faminto que, ao chorar, atraindo a mãe, chama a si o alimento de que necessita e, uma vez conseguido, o objetivo passa de outras vezes a chorar intencionalmente. A outra seria a da copulação, quando o macho dá vazão à sua excitação por meio de sons aos quais a fêmea reage quando ele se aproxima.

Sperber descarta a situação bebê / mãe como aquela que teria proporcionado o *surgimento* da linguagem no ser humano, embora seja essa a maneira pela qual cada ser humano individualmente entre na linguagem. O senão refere-se ao fato de que à parte os primeiros sons-reflexos, a criança adquire a linguagem dos adultos que o cercam.

Portanto, até essa altura, Sperber faz as seguintes conexões a respeito da linguagem humana e seu surgimento:

- (i) dois indivíduos / linguagem oral / intenção de comunicação / desejo de provocar uma reação / repetição < gritos de origem sexual.

Essa valorização da vertente oral da linguagem interessa-nos sobremaneira, pois acrescenta à nossa hipótese da primazia do falado sobre o escrito na Psicanálise⁵ um quarto argumento, talvez o mais forte deles: a linguagem surge no homem através da fala, dos sons, daí esta ter a capacidade de apelar para forças que possam remeter a esse estágio do surgimento: forças de raiz, ligadas ao sexual, daí o tratamento pela fala.

O autor postula que a origem sexual da linguagem impulsionaria sua expansão para outros campos não sexuais de atividades, referindo-se a um campo cada vez maior de objetos e atividades, o que a hipótese da origem bebê / mãe não daria conta. Prossegue tentando provar sua hipótese da seguinte maneira: haveria alguma maneira de se ligar a linguagem humana (sua coetânea ou a nossa contemporânea, tanto faz) a essa origem sexual? Haveria como retornar a esse início?

1.1. A linguagem humana e sua conformação lexical

Sperber continua, a partir desse patamar sexual do surgimento da linguagem falada com intenção de comunicação, no homem, a elaborar a questão da linguagem já através de categorias que a identificam, como o que ele denomina vocabulário, do domínio do léxico, isto é, a ligação de palavras a imagens, e que essas se refiram a coisas do mundo real. Assim coloca o autor:

Como se explica que *os homens liguem determinados grupos de sons à imagem de determinadas coisas* [grifo do autor], em outras palavras, como se explica que tenham conseguido um *vocabulário*? [grifo do autor] (p. 411).

Partindo da concepção, não menos relevante, de que a linguagem acompanha a cultura, pressupõe que determinados atos, determinadas palavras só seriam possíveis como decorrência de uma situação cultural. Assim o ato de ‘chamar’ pressupõe um grupo.

Nesse estágio, e nessa mesma vertente, dentro da cultura, o uso de ferramentas – que separa o homem dos animais – acompanharia o desenvolvimento da linguagem. Assim completa seu raciocínio: as atividades do homem primitivo – vivendo em grupo – com suas com ferramentas, seriam acompanhadas de ‘chamados’, ‘gritos’ de atração sexual, uma vez que essas ferramentas seriam representações dos órgãos sexuais. Os sons dariam vazão à tensão sexual provocada pelo manejo das ferramentas.

O autor nos fala do trabalho de frutificação da terra e de suas alusões, interpretações sexuais: o arado, o falo, a terra; o arar, o coito etc., numa série paradigmática que se constitui um campo lexical, dentro do ponto-de-vista que atribui à linguagem e à cultura uma vinculação estreita. Assim, atos e objetos pertencentes a um mesmo campo lexical teriam uma leitura dupla, uma sexual e uma não sexual. A não sexual encobriria a sexual até que aparentemente essas se desvencilhassem uma da outra.

1.2. A palavra lexical, o vocabulário, a etimologia de ordem sexual

Observamos que até agora o autor trata de *sons* e de *palavras*, que formam um *vocabulário*, ao aventar a origem sexual da linguagem humana. Vimos também que ele assume algumas definições importantes e que dão suporte *teórico* à sua *discussão*:

- a) a linguagem a que se refere é a falada com intenção de comunicação; e
- b) *a linguagem está estreitamente vinculada à cultura*: daí decorre a condição de que o grupo deveria preexistir à linguagem, como condição para que esta surgisse da forma como ele postula.

Em seguida, tenta o autor estabelecer vínculo entre a origem sexual da linguagem no homem e o vocabulário das línguas que existem no mundo.

Trabalha basicamente com séries de palavras nas línguas germânicas, tanto as mais antigas como as suas contemporâneas, do início do século 20, fazendo, por vezes, referências ao grego e ao latim, também pertencentes à grande família indoeuropeia (ou indogermânica) de línguas. Consulta dicionários etimológicos, e se utiliza tanto de dados das línguas oficiais como de dialetos. A essas palavras atribui um significado básico sexual, que ou ter-se-ia perdido, ou se transformado drasticamente, propondo um estado em que persistiriam dois significados: o sexual e o não sexual, tendo este último suplantado o primeiro.

Essas transformações seguiriam um caminho que se repete em várias das línguas investigadas, indo esbarrar num étimo cujo significado básico é o do latim *coīre* ('juntar-se, reunir-se para ligação carnal'), infinitivo de *coeō*, *-is*, *coī* (*coiui*), *coitum*, *coīre*.

Voltando à questão da inserção do homem na cultura e do uso das ferramentas como um acompanhamento da excitação sexual: esse seria um

estágio em que o homem associaria os sons que emitia a determinadas coisas, criando um conjunto de palavras, um vocabulário fortemente ligado à excitação sexual, aos órgãos sexuais, que os instrumentos de trabalhos, as ferramentas, lembrariam, ou a eles se assemelhariam.

A cadeia seria, então:

- 1) ferramentas> órgãos sexuais> copulação>, 2) tensão> tensão sexual> vazão> produção de sons.

As ferramentas produziriam no homem uma tensão, por se assemelharem aos órgãos sexuais e à copulação, o que provocaria uma tensão sexual que se extravasaria com a emissão de sons da voz humana. Esses sons seriam ‘chamados’. Sperber usa do termo *Lockruf* ‘chamado’, provavelmente do holandês; esses sons acabam por ser um chamado, dada a situação de grupo em que o homem se encontrava e às condições já apresentadas anteriormente. Em muitas línguas, culturas, trabalhos para frutificação da terra como arar, moer têm um significado sexual. O arado seria o falo, a terra seria a mulher: o lugar onde se tritura os grãos, os órgãos sexuais femininos, a pedra que os tritura, o pênis. Terra e plantas associam-se ao nascimento do homem e à sequência sêmen, mãe, filho corresponde a semente, terra, fruto.

Antes de entrar nas séries semânticas propriamente o autor traz à discussão a questão – que ainda persiste em algumas versões adaptadas dos estudos linguísticos atuais – da primazia do verbo ou do nome no surgimento da linguagem. Ele advoga em favor de as raízes verbais serem as mais antigas, mas propõe um estágio em que existiriam raízes verbais e nominais. A existência desse estágio foi questionada por outros estudiosos da linguagem de sua época, mas ele busca suporte no pensamento do neogramático Delbrück.⁶ Tal investigação culmina numa hipótese da origem de flexões (terminações, desinências, prefixos, sufixos) a partir de raízes.

Estendendo a questão linguística: a linguagem humana origina-se através de sons que vão se tornando palavras, ou antes, raízes carregadas de um significado sexual (energia?) que se organizam em palavras, constituindo-se como vocabulário, e essas agregando-se e formando unidades linguísticas mais complexas.

Sperber comprova sua hipótese sobre a origem sexual da linguagem humana através do vocabulário, através de palavras, em suma, mas propõe uma teoria sobre o desenvolvimento da linguagem além do nível da palavra, chegando

até a sentença com sujeito e verbo, explicando, por meio da origem sexual, a existência dos substantivos, e dos adjetivos e advérbios também, como decorrência dos outros, podemos acrescentar.

Para o autor a primeira exteriorização linguística, o ‘chamado’ para atrair o outro, continha o germe de diferentes categorias linguísticas. Dessa forma:

- a) o *chamado* seria uma ação, donde a categoria verbo;
- b) o parceiro chamado engendraria o substantivo;
- c) como o chamado continha uma ênfase sexual, continha uma qualidade, um adjetivo; e
- d) o local onde estava aquele que estava sendo chamado, levaria ao advérbio locativo.

Uma passagem que merece destaque é a do surgimento do substantivo: o homem sexualmente excitado, diferentemente do animal, num determinado estágio de seu desenvolvimento, chamaria uma fêmea determinada, e esta, por sua vez, atenderia ao apelo de um homem determinado, daí a criação do substantivo.

Sperber mostra como a linguagem vai se distanciando dessa origem à medida que vai se tornando não tão ligada à situação real. Vai ocorrendo um enfraquecimento contínuo do motivo necessário que levava à sua exteriorização. Veja-se esta passagem:

Enquanto inicialmente emoções turbulentas eram necessárias, para arrancar do animal, até então mudo, os primeiros sons, o menor motivo é suficiente para levar o homem moderno a falar, sem que ele traia o menor sinal de emoção. Como já indicado / anunciado / dito aqui anteriormente, a emancipação da linguagem atual está ligada / depende desse enfraquecimento contínuo do motivo necessário que levava à sua exteriorização, sendo que, cada vez com mais frequência, a simples lembrança do passado com sua ênfase emocional mínima era suficiente para criar uma exteriorização de linguagem. Mas o mesmo processo condiciona também o fato de as exteriorizações de linguagem se tornarem mais fáceis / leves, mais frequentes e mais rápidas, que sejam capazes de manter o passo com a velocidade do pensamento, que se torna cada vez mais rápido no desenrolar do desenvolvimento cultural (p. 424-425).

Assim, sua proposta fica sendo, quanto às raízes primeiras, a de que as raízes verbais eram como que sobrepujadas pelas raízes nominais e somente depois que o conteúdo semântico de uma raiz tivesse se deslocado tanto é que sua bipartição em verbal e nominal estaria suficientemente preparada.

As primeiras raízes indicavam uma atividade (sexual), que iria transportar-se para as atividades com ferramentas, depois a imagem das ferramentas passaria ao primeiro plano.

Sperber passa então a investigar os verbos com o significado de *cōire* ‘copular’, assim como *molere* (lat.), que podia significar tanto ‘moer’ quanto ‘copular’; cavar. Da mesma forma, ‘cortar com ferramenta cega’ designava ‘cortar’ e ‘copular’. Passa também a investigar os substantivos que tinham o significado de ‘vulva’.

2. Comprovação por meio de dados

O autor cuida de comprovar suas hipóteses por meio do estudo da força semântica das palavras sexuais e chega mesmo a associar nomes, verbos e adjetivos.⁷ A força desses desdobramentos é um aspecto importante no seu raciocínio. Apresentaremos alguns de seus exemplos, para que não fiquemos apenas na abstração linguística.

As palavras sexuais para ele apresentam uma forte capacidade para desenvolver, desdobrar seu significado, além do que, como já sabemos, em primeira instância, todos os significados procedem da raiz *cōire*, ‘encontrar-se com alguém para copular’. Vamos aos exemplos.

2) *gebeien* (al.) ‘*cōire*’, ‘*uxorem ducere*’ (‘conduzir uma esposa, tomar uma esposa em casamento’) pode desenvolver os seguintes significados:

- (i) ‘maltratar’
- (ii) ‘maltratar pelo estrupo’
- (iii) ‘irritar-se’
- (iv) ‘*gehei dich*’, ‘*strupa te ipsum*’
- (v) ‘correr, dar no pé’

Todas essas evoluções de (i) a (v) são registradas e culminam em significados grosseiros. Não é esse um desdobramento isolado, pois pode ser verificado em outras séries de palavras, como *bruien* abaixo.

- a) *bruijen* (hol.) , *bruiden* (ant. hol.)⁸ ‘fazer uma jovem tornar-se mulher’ ou ‘coïre’, e tem um desenvolvimento paralelo ao de *gebehein*, apresentado acima: ‘atormentar’, ‘preocupar’, ‘bater’, ‘jogar fora’, ‘lançar’, ‘cair’, ‘dar no pé’, ‘ir’.

Outra série de verbos com o mesmo desenvolvimento:

- 3) *serten* (Al.) / *serden* / *serda* (formas germânicas), “ter relações sexuais (chulo).
 (i) ‘atormentar’
 (ii) ‘apalpar’, “ter relações ilícitas com’

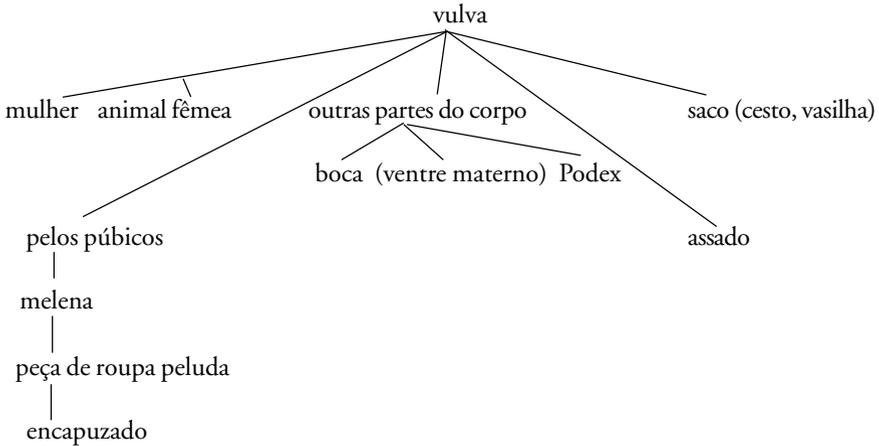
Com frequência, encontram-se nomes designativos do órgão sexual feminino semelhantes ao verbo designativo de coïre:

- 4) *Schnalle* (Vien.) ‘vulva’ // *snallen* (Westf.) ‘coïre’
 5) *gensel* (Amaal) , ‘vulva’ (Antn), *gänsen* (Westf.) ‘coïre’
 6) *Fumml* ‘vulva’, *fummln* ‘coïre’ (Bxa.)

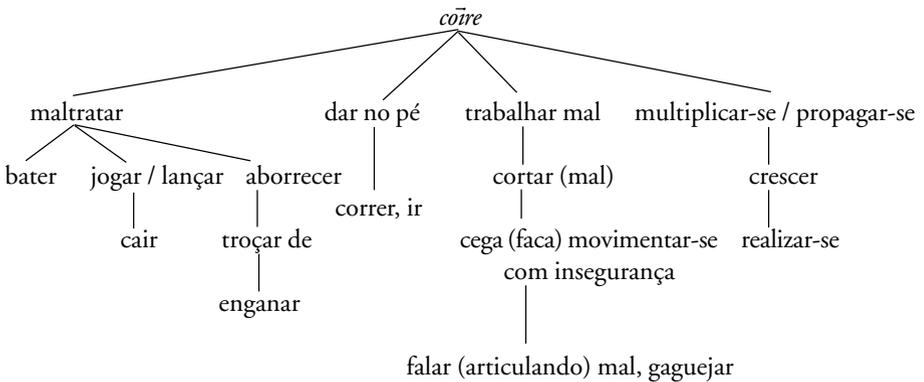
A raiz germânica *fud* ‘vulva’, ‘órgão sexual feminino’, ‘nádegas’ teve um vasto desenvolvimento e acaba por formar um verbo *fudeln* (BxA.), ‘coïre’, cujo percurso semântico seguirá as linhas de *gebeien*, mostrado acima: ‘rir’, ‘escarnecer’, ‘enganar’, ‘sair rapidamente’, ‘trabalhar rapidamente, mas mal’, etc., lembre-se que os significados referentes ao trabalho e às ferramentas guardam uma conotação sexual. Também adjetivos dessa mesma raiz, como *fudig*, têm um significado depreciativo e são usados com os verbos mencionados.

Esses desdobramentos, presentes em muitas séries de palavras, são sistematizados em (7) e (8).

- 7) Desdobramento semântico das raízes que significam vulva.



(8) Desdobramento semântico das raízes que significam coĩre ‘copular’.



Em cada um desses nódulos, agrupa-se um sistema semântico. A regularidade está no fato de esses desdobramentos se repetirem em várias cadeias de significados de várias línguas.

3. Retornando à questão inicial

O estudo de Sperber não se alinha aos estudos histórico-comparativos de sua época, como já observado, mas a alguns que o precederam ou mesmo contemporâneos mais preocupados com questões gerais sobre a linguagem humana e, principalmente, com a existência dessa fase prelingüística. Noiré

(1877) e Jespersen (1894) são citados, sendo este último conhecido entre os estudiosos da linguagem. Essa fase prelinguística deixaria, no entanto, rastros na fase propriamente linguística, o que o leva a tentar comprovar sua hipótese em línguas históricas.

Na parte relativa à comprovação de sua teoria sobre a origem sexual da linguagem, por meio de dados linguísticos, seu estudo, pode-se dizer, é semântico e lexical.

A semântica estuda o significado. O léxico estuda a palavra, o inventário de palavras de um indivíduo, seu vocabulário, e as possibilidades lexicais de uma língua, o léxico.

O estudo em questão é semântico pelo fato de se deter em significados universais, e de como esses (*coître* e *vulva*) se realizam e se alteram com o passar do tempo, se substituem, se anulam, etc. É também lexical pelo fato de ele tomar a palavra como sua unidade, ou seja, verbos ou nomes, ou como se viu, raízes verbais e nominais.

Está, portanto, também no escopo de uma semântica histórica, uma vez que ele tenta traçar o percurso de determinados significados a partir de determinadas raízes que teriam tido primordialmente um significado sexual. Nesse aspecto, guarda uma semelhança com o comparativismo histórico de sua época, apesar de não seguir sua rigorosa metodologia, que pressupõe uma similitude fônica e regular entre palavras cognatas. A regularidade que se verifica está nos campos semânticos que as palavras sexuais acabam por incorporar, que parecem seguir uma trilha (*'a path'*), como mostrado em (7) e (8).

Apesar de Sperber reconhecer níveis mais complexos de linguagem, que vão além, hierarquicamente do nível da palavra, a comprovação de sua hipótese atém-se mais ao nível vocabular, mas não perde em importância por isso. É o léxico, o conjunto das palavras, que faz a relação entre cultura e linguagem. A linguagem não se resume no signo linguístico, mas este é de importância fundamental, uma vez que é nele que a relação do homem com a cultura primordialmente repousa. Sperber se concentra no que no signo é o fundamental: o 'significado' sexual que é preservado em diferentes raízes, verbais e nominais.

Nas línguas naturais, históricas, uma palavra pode se confundir com sua raiz, mas pode também ir além, se a esta se adicionam sufixos, prefixos, desinências. A raiz original pode também ser suprimida, desaparecer no constituir-se diacrônico de uma língua. Veja-se o clássico exemplo de 'comer', na língua portuguesa, derivado do latim *comedere*, 'comer em companhia de

alguém', que por sua vez procede de *edĕre*, raiz *ed+*desinência *-ere*; pois bem, a raiz *ed-* de *comedĕre* desaparece na passagem ao português: não há vestígio dessa raiz em 'comer', permanecem o prefixo que indicava companhia *com-* e parte da desinência *-ĕre*>*-er*. Portanto, não se recupera o significado básico pela raiz, que desapareceu.

Observe-se que a evolução semântica da forma *comedere*, que, pelo que registram os dicionários, não carregava em si um significado sexual, encontra paralelo na supressão do significado sexual postulado por Sperber. O que queremos mostrar é que a supressão de significados primários, através do desaparecimento das raízes, é possível e até regular no desenvolver-se das línguas no eixo do tempo.

A hipótese de Sperber, que se preocupa nesse texto com o *surgimento e desenvolvimento* da linguagem no homem, surgimento ligado ao sexual, lembre-se, que é em alguns preservado com determinados significados, se fortalece ao ter paralelo em outras evoluções aparentemente não ligadas ao sexual. As línguas variam e mudam com o passar do tempo, podem sofrer alterações, supressões, retenções e até acréscimo de significado. Acoplar o surgimento da linguagem ao significado sexual que pode vir a se mascarar, ser suprimido, recalçado, seria uma contribuição do pensamento de Sperber, que encontra respaldo nos processos regulares de semântica das palavras sexuais, que derivariam de raízes que incorporariam estes significados de 'copular' e de 'órgão sexual feminino'.

Por outro lado, abordando a questão da passagem de um estado prelinguístico para um linguístico, gostaríamos de lembrar que a manutenção de formas e de significados, mesmo que subjacentes, não são estranhas aos estudos das línguas humanas. São os chamados resquícios, retenções de formas que como que 'sobram' de estados linguísticos anteriores. São arcaísmos, fósseis linguísticos, ou como o bem coloca Lepschy⁹

Além do mais, na descrição do sistema semântico de uma língua não é fácil banir as condições dos períodos anteriores, que não somente transformaram-se nos atuais, mas que também coexistem com esses, devido ao fato de que os trabalhos do passado, que se manifestavam em sistemas semânticos anteriores, ainda fazem parte da nossa cultura. Pode ser relevante, neste contexto, relembrar que foi um contemporâneo de Saussure, o ilustre cientista escocês J. A. Ewing, que estudou certos efeitos dos metais, como a tensão, o

magnetismo, etc que dependem não do estado do sistema atual, mas de condições que prevaleciam antes de tais efeitos se manifestarem; ele introduziu em 1881 o termo técnico *hysteresis* para este fenômeno (...) parece ser uma noção da qual os linguistas poderiam se beneficiar se a levarem em consideração.

Portanto, a manutenção de um significado subjacente sexual seria uma *hysteresis* de um estado anterior, de uma raiz que carregue em si algo sexual. Digo algo porque não fica claro qual é a natureza desse algo. Ele aparece nas línguas como um significado, mas pode ser na origem mais do que isso: uma força, uma energia, uma pulsão de origem sexual, que se acopla à cadeia sonora como um traço que coocorre ao som, um traço suprasegmental.

A questão inicial que nos instigou a escrever este texto era simplesmente a difícil relação entre a Psicanálise e a linguagem que, apesar de bastante discutida por alguns, é rechaçada por aqueles que entendem que somente Saussure (1906-1911) tratou da ciência da linguagem e que nada mudou de lá para cá; confundida com a literatura por outros, adquiriu aos nossos olhos uma relevância maior, ao finalizarmos este trabalho, uma vez que neste pudemos justificar a relação entre Psicanálise e linguagem, recuperando o elo desta com a sexualidade, fechando um circuito.

Respondemos, assim, ao nosso questionamento sobre o porquê da presença tão intensa da linguagem humana oral articulada na Psicanálise ao recuperarmos as hipóteses de Sperber aqui desenvolvidas. Freud desvia-se para a linguagem *lato sensu*, para a linguagem onírica, a das 'traduções' entre os diversos níveis do aparelho psíquico, mas dá o crédito fundamental à linguagem humana oral articulada com a regra fundamental da sessão de análise. Essas associações, que guardam um paralelo com os desdobramentos dos campos semânticos de Sperber, que derivam em primeira instância do que é dito oralmente num processo analítico, manteriam algo desse significado, dessa força, dessa energia sexual primeva, em primeiro lugar na palavra oral, falada, que se transmite pelo ar e é decodificada pelo ouvido. Se tal força se revela na linguagem *lato sensu*, esse processo não deve ser entendido como primário, mas como um desdobramento distante do original.

A relação Psicanálise e linguagem *tout court* pode desembocar ou num simbolismo, ou na linguística, ou na literatura, mas nesses casos não faz o necessário laço com o sexual. Conforme o propôs Sperber, a sexualidade (força

da excitação sexual, da copulação) estaria no surgimento da linguagem oral articulada humana que se conserva abertamente ou recalcada em palavras de muitas línguas, como comprovado pelo autor em línguas germânicas e indo-europeias.

A tese de Sperber não trata da linguagem humana *lato sensu*, em que outros sistemas de signos, de símbolos, são entendidos como uma espécie de língua, pelo fato de poderem ser decifrados, decodificados, traduzidos numa linguagem verbal, falada ou mesmo escrita. Não, ele cuida diretamente da linguagem oral, falada, a que caracteriza o homem enquanto tal, que como oral surgiu no homem.

Muitas outras questões poderiam ser levantadas no raciocínio deste autor, mas vamos nos deter aqui, sem, no entanto, abdicar de perquirir essa trilha.

Notas

¹ Tradução para o português de Lobo Ribeiro, Tarcísia M. 2010.

² FREUD. *Obras Completas*, vol. XIII, p 1987, p. 199.

³ Remetemos a Bynon, Th. *Historical Linguistics*, Cambridge University Press, London, 1977 e a BYNON, Th.; PALMER, F. R. *Studies in the history of Western Linguistics*, Cambridge University Press, London, 1986.

⁴ Embora o tópico deste artigo esteja inserido na questão geral da relação psicanálise, neste focaliza-se um dos aspectos desta relação.

⁵ A primazia da linguagem falada sobre a escrita é por nós defendida em trabalhos anteriores.

⁶ Um dos nomes importantes do movimento neogramático. O famoso Manifesto Neogramático de Osthoff e Brugmann é de 1878.

⁷ É importante observar que apesar deste campo de ação poder ser identificado como 'semântica', não é tão claro assim como essas propostas seriam tratadas hoje, com todo o desenvolvimento das teorias semânticas.

⁸ Abreviaturas utilizadas: Al.=alemão, Amaal = Antigo médio alto alemão, Ant. hol. = Antigo holandês, Antn = Antigo nórdico, hol. = holandês, Lat. = latim, West. = westfálio, Bxa. = baixo austríaco, Vien. = vienense.

⁹ LEPSCHY; GIULIO, 1986, p. 191.

Referências

- ABEL, C. Über den Gegensinn der Urworte. *Sprachwissenschaftliche Abhandlungen*: Leipzig, 1885, p. 313-367.
- BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. London: Cambridge University Press, 1977.
- FREUD, S. *Der Witz und sein Beziehung zum Unbewusste*. S. Fischer Verlag, GmbH, Frankfurt am Main, 1970. *Edição eletrônica de Freud, s/d*
- FREUD, S. *Obras Completas*, v. I, VI, VIII, XI, XV. 2. ed., Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- LEPSCHY, G. European Linguistics in the Twentieth Century. In: BYNON, Th.; PALMER, F. R. (Org.). *Studies in the history of Western Linguistics*. London: Cambridge University Press, 1986.
- RIBEIRO, Tarcisia M. L. A influência de atividades sexuais /do momentum sexual sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem, B.H.: Abrajur, 2010. Trad. do original alemão Sperber, Hans. *Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache*. Imago, I, 5, [1912], p. 405-438.
- SPERBER, Hans. *Über den Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache*. Imago, I, 5, 1912. p. 405-438.

Submissão do artigo: 29/07/2012

Aprovação do artigo: 30/09/2012